

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 23

DEZEMBRO I.

1856.

Circumstancias extraordinarias motivaram uma bastante longa demora na continuação da publicação do *Murmurio*.

Proficua julgamos, porem, esta nossa demora involuntaria, por podêmos adquirir a *memoriasinha sobre o pauperismo* que abaixo publicamos, escripta pelo nosso mui conhecido litterato, o exm.º sr. José Borges Pacheco Pereira.

Pequena no volume, a *memoria sobre as classes indigentes* é grande no assumpto, curiosa na sua fórma, e sobremodo vantajosa na epocha em que nos achamos.

O illustrado cavalheiro que nos a offerecêra para o *Murmurio*, faria de certo um serviço importante ao nosso paiz em particular, e á humanidade em geral, com a publicação em separado d'este seu trabalho simples mas importante, e soberanamente bem desenvolvido, no quadro em que o seu exm.º auctor se circumscrevêra.

Escriptos d'esta ordem não de achar sempre na imprensa uma accollida das mais lisonjeiras: e nós pela nossa parte, damos sinceros e mui cordiaes parabens ao illustre compatricio nosso, que tam brilhantemente se occupára d'um assumpto do primeiro momento, na actualidade sobretudo.

O PAUPERISMO, OU AS CLASSES INDIGENTES DA SOCIEDADE.

MEMORIA.

Le maitre apprend la justice,
Le esclave la liberté,
Le indigent le sacrifice,
Le riche la charité.

(Lamart. hymn. a J. Christ.)

INTRODUÇÃO

Desejara-mos possuir a penna de ouro de

Smollet, ou o aprimorado cinzel de Phydias para pormos em relevo um quadro, grande pela sua importancia, e maior ainda pelos seus resultados, e consequencias. O pauperismo, ou as classes indigentes da sociedade é um assumpto, que desde muitos tempos tem despertado a attenção dos governos, e que mais recentemente occupa a especial sollicitude dos governos illustrados. Conhecemos a sua magnitude, e o seu alcance; lamentamos os males, que affectam as classes pobres, e menos abastadas da sociedade, com tudo nem sequer por um momento nutrimos a louca pertença, de querer tratar em tão curto espaço, e com tão pequeno trabalho, um objecto, que tem dado causa a profundas lucubrações, e longas vigílias de muitos homens celebres. Limitar-nos-hemos por tanto a fazer sobre elle as considerações, que nos saltarem do bico de uma penna mal aparada.

E' na verdade duro, até repugnante á dignidade do homem, e sobre tudo á sublimidade da religião, que, gosando muitos dos nossos semelhantes de todas as delicias da vida, o indigente — o extremamente pobre, e para disselo se nos retalha o coração! careça de alimento, de vestido, e muitas vezes nem lhe reste sequer um triste pardieiro, aonde abrigue o seu corpo interigado pelo frio, e pela neve, que aliás vai esmaltar com a alvura do cysno os faustuosos jardins dos opulentos da terra, Presa da fome, e das enfermidades que tras consigo a extrema nudez, ve-se atormentado em todos os instantes da sua vida pela necessidade, ou pela dor. . . . oh! e isto ainda não é tudo . . . vê que partilham e soffrem os mesmos males as pessoas, que lhe são mais caras, a quem lhe é impossivel de socorrer!! Se o excoço da miseria lhe não tem secado o

coração, se já não sente esgotada a fonte das mais nobres e dôces emoções, a sua mesma sensibilidade se converte para elle n'um horrivel tormento! Para o indigente não ha repouso, nem praseres, e nem sequer ao menos um futuro irradiando ao longe uma esperança consoladora, porque se a miseria tem os seus grãos, se todos os seres, a quem ella alcança não são cruelmente accommettidos de igual sômma de males, é lóira de duvida, que nenhum delles pôde viver sem o apoio, sem o concurso dos outros homens, a quem a fortuna fadara para serem mais felizes neste mundo, e posera a coberto das necessidades da vida. Este estado colloca o homem na mais cruel das situações. . . n'uma perfeita dependencia dos semelhantes, e, como disia Voltaire, « todos os homens seriam necessariamente iguaes, se não tivessem necessidades. A miseria inseparavel da nossa especie sobordina um homem a outro homem »

A degradação física, a que o levou o seu infeliz destino, tras a pós si a degradação moral. Assoberbado pela desgraça acaba o indigente por desconhecer a sua propria dignidade; e então se a piedade o não descobre, se a voz da religião o não chama, se a caridade o não adopta para si, se o não consola nas suas amarguras, como se poderá extranhar, que elle, no meio da sua desesperação, não accuse a providencia de uma enorme injustiça, e os governos, ou a ordem social de uma irritante e insupportavel imperfeição?!. . . Que refugio, que outra esperança lhe restará no mundo, que outro caminho se lhe abrirá diante dos olhos, que não seja a violação das leis sociaes; ou o que é mais horroroso ainda e longe de nós sequer o pensa-lo, o de tentar contra a propria existencia?!. . . o crime está mui proximo, bate ás portas de uma tal desesperação!

E' na verdade para notar, que não foi nas sociedades antigas, não é só nas povoações selvagens e barbaras, aonde reina exclusivamente a indigencia. Filha talvez ainda mais das sociedades modernas vê se que estende com preferencia o seu imperio entre as nações mais ricas e mais adiantadas em civilisação. Por maiores que sejam os cuidados, que empreguemos,

para a affastar da nossa vista, encontramos a cada passo a sua imagem macilenta nas nossas mais consideraveis, e opolentas cidades. A' porta dos templos do SENHOR, e dos palacios dos grandes, de todos esses homens favorecidos da fortuna; em todos aquelles logares, em que a grandeza dos povos, e dos monarchas deslumbra com o seu fausto e brilhantismo; é ali mesmo, que aparece a indigencia a implorar uma esmola, como para formar um doloroso e melancolico contraste! E quando o coração do homem, á vista das maravilhas da arte, e das obras classicas da intelligencia, se sente desvanecido com um orgulho, que se atrevera a acreditar de legitimo, uma voz humilde e lamentavel vem de repente recordar-lhe, como em outros tempos a voz do escravo ao triumphador da antiga Roma (talves para que elle se não embriagasse com a gloria) que lhe bradava bem alto « Cezar lembra-te de que és mortal » e essa voz humilde dirá então com as lagrimas da miseria e da indigencia, que a civilisação não tem, todavia, adquirido completamente o direito de apellidar-se a bemfeitora do genero humano!

Continúa

José Borges Pacheco Pereira.

NOVA INVENÇÃO CHYMICA.

Os processos da analyse das *aguas medicinaes*, ou *aguas mineraes* da antiga terminologia da sciencia, foram sempre dos mais difficultosos da chymica.

Quanto ás *aguas sulphureas* em particular, poucos annos ha que o doutor Dupasquier da eschola franceza de Lyon, achára um novo processo do seu invento, conhecido sob o nome de PROCESSO SULPH-HYDROMETRICO, com o qual a analyse destas «aguas» se torna facillima sobremodo, e de uma admiravel expeditéz de execução. — E a este processo especial d'analyse é que hoje se dá o nome de *processo sulphurimetrico* em geral, denominação muito mais philosophica na verdade, como verdadeira indicadora do verdadeiro principio que de feito se avalia com elle = o PRINCIPIO SULPHUREO DAS AGUAS.

Agora acabam *Boutrou e Boudet*

de descobrir em França um novo processo d'analyse das *aguas communs* em geral, das fontes, poços, lagos e rios: — é o HYDROTIMETRICO, de que muito se falla hoje nos annaes da sciencia, e com o maior elogio.

Este processo especial d'analyse *hydrologica* é de tam grande facilidade d'execução, como o *processo sulphurimetrico*. — Basta para um e outro apenas um pequeno « estojo », ou simples necessario», composto cada um de pequenissimo numero d'utensilios, e todos simplicissimos e d'um custo ou valor insignificantissimo.

É como são ambos os *necessarios* acompanhados d'umas BREVES INSTRUÇÕES á cerca da adaptação peculiar dos dictos « estojos; » e como são estas *instrucções* escriptas com summa clareza, e com sobeja especialisação practica; ninguém de certo havera, que, senbor dos principios genericos das sciencias chymicas, não possa de prompto dar-se a esta especie de trabalhos *analyticos*, trabalhos da maior utilidade para a sciencia, e da maior utilidade para a humanidade egualmente.

P.C.

COSTUMES DO SEculo DE PERICLES.

As Sciencias e as Artes se a perfeição na Grecia, ao passo que os costumes se hião estragando. Aquellas ganhavão o terreno que estes hião perdendo, e em fim, uma quasi repentina revolução levantou as Sciencias sobre as ruinas dos costumes. Fixemos nossa attenção sobre Athenas unicamente. A Sciencia Dramatica foi a primeira que se cultivou, e aperfeiçãoou entre aquelle povo, vivo, ligeiro, inconstante, satyrico, motejador, ancioso de mudanças, e novidades, e unicamente constante em sua furiosa paixão pelos espectaculos. As obras de Theatro forão para os Athenienses o primeiro ensaio daquella exactidão de engenho, e viveza de sentimentos, daquella summa delicadeza com que em um ponto abraçárão, e julgárão decisivamente de todas as Artes e Sciencias. Não sem temor vio nascer Solon, e apontar esta delicadeza de gosto, prevendo, relati-

vamente aos costumes, suas damnosas consequencias. Temia o espirito caprichoso, a falsidade, e o fingimento, que he o movel primeiro de toda a acção theatral. Temia que Athenas, familiarisada com o fogo das paixões, e com a representação de illustres delictos, se não familiarisasse logo com o mesmo delicto; e o successo justificou o seu temor. Melpómene, e Thalia levarão as Musas a Athenas, onde se estabelecêrão para desterrar de seu seio a rigida virtude. A Filosofia, o engenho, o donaire, o deleite, occupárão o lugar dos costumes, da candura, e da antiga simplicidade: em fim segundo refere Platão, as maravilhas do seculo de Pericles arruinárão os costumes de Athenas.

Se duvidarmos do funesto influxo das Sciencias nos costumes dos Athenienses, abra-se a Historia. Comparemos Pericles com Solon, Alcibiades com Aristides, e Nicias com Milciades. Os segundos são uns homens, que não plejão, que não obrão, que não respirão se não para o bem, para a gloria de sua Patria, e para a felicidade de seus concidadãos: os primeiros são uns homens frivolos, vãos, presumidos, cheios de si, unicamente occupados em sua gloria particular, sollicitos de applausos, sacrificando tudo á ambição de adquirir um nome. Com este paralelo julgamos agora dos costumes de seus primeiros Cidadãos, e busquemos em Athenas futil, e illustrada, os costumes de Athenas virtuosa. A Filosofia, tornada popular, era um dique muito franco contra a corrupção. Os raciocinios dos Filosofos, seus erros sobre a Divindade, sobre a essencia do bem, sobre os deveres, destruírão, ou fizerão problematico o que até então tinha passado por certo. Os Direitos da Religião, da Natureza e da Decencia forão submettidos ao tribunal da Rasão, e pezados nas balanças das paixões. Tudo se transformou em méros nomes, que apenas podião illudir a ignorancia, ou a irreflexão. E que podião esperar os costumes de uma Filosofia communicada pelos canaes mais infames? De uma Filosofia sentada nos domicilios do vicio ao lado da prostituição? Taes erão as escolas das Aspacias, das Leon-

eins e das Mais: escolas eternamente célebres pela fama dos discipulos que produzirão; mas que escolas para os costumes! Vejamos os fructos destas doutrinas nos costumes de um Cimón, que conserva publicamente sua irmã em lugar de sua mulher, e nos de um Pericles, que estende até a sua mesma Nora o direito que lhe dava a dissolução publica em todas as mulheres; nos de um grande Magistrado, que se contém em seu mesmo Tribunal á vista de um formoso mancebo, he á força de gritos, e reprehensões de seus mesmos companheiros: nos de um Alcibiades, discipulo amado das musas, e da Filosofia; em fim em todas as abominações que nos couservou Athenêo como monumentos da miseravel influencia das Sciencias nos costumes da Grecia.

O Attica, dizia Eurípides no theatro de Athenas, as Musas fixarão em ti sua divina harmonia, tu és a amada região dos Nubes, e os Zephyros que refrescão as ribeiras do Celiso, são o alento, e sopro da mãe dos Amores, e das Graças; em fim Cytheréa, coroando-te com suas flores, te deixou o Amor, e os Genios que presidem ás Artes. Na vizinhança de Athenas, Lacedemônia e Thebas, privadas dos favores de Venus, mais alguma coiza conservarão a pureza dos costumes antigos; a austeridade das Leis de Esparta, e a aspereza do clima da Beocia não erão da jurisdição das Musas, cujo imperio não se estende a homens que unicamente aspirão a obra com rectidão. Sigamos as Sciencias a Roma, e examinemos suas influencias nos costumes dos Senhores do Universo:— *Romanos rerum Dominus.*—

(Jorn. Enc., do Padre Macedo)

PAULO—DRAMA EM TRES ACTOS.

Com este titulo assistimos á leitura de um drama do nosso particular amigo, o snr. Joaquim Januario de Souza Torres e Almeida. Reservamos para mais de espaço darinos aos nossos leitores o juizo critico sobre esta produção litteraria do nosso ami-

go, limitando-nos por enquanto a saudar esta estreia dramatica do illustre auctor do = Paulo = pelas agradaveis impressões, que nos ficaram da sua leitura, agouramos a este drama um triumpho completo na scena quando porventura o seu illustre auctor o queira desprender da tutela, em que o tem posto a sua mal cabida modestia. Nome já tão conhecido na imprensa litteraria do nosso Paiz, nada tem a recejar dos applausos do publico, que de ha muito avalia, como deve, o distincto merecimento do joven advogado do foro bracaraense.

19 de dezembro de 1856.

José Borges Pacheco Pereira.

ROMANCE.

RAMIRO.

III.

O MONGE.

Religião! Ao misero conforto,
Abrigo extremo de alma que ha mirrado
O longo agonisar de uma saudade,
Da deshonra, do exilio, ou da injustica,
Tu consolas aquelle, que houve o verbo,
Que renovou o corrompido mundo,
E que mil povos pouco a pouco ouviram,
A Herculano = A Arrabida.

Era n'uma das horas melancolicas da tarde, em que os raios do sol, quando esta proximo a atufar-se nas aguas do oceano, indo pensar-se desmaiados sobre a crista das montanhas, são tristes como um adeus saudoso de despedida. Era uma dessas horas amenas da tarde, em que a natureza inteira se reveste de uma poesia suave e grata ao coração; em que a natureza manda ao throno de Deus um cantico d'amor e reconhecimento perfumado no aroma que a flor exala do seu calix, em que o gorgoeio das aves é semelhante a um hymno de esperanza, em que o murmurio da lympha é um gemido de saudade, em que o sussurro da brisa semelha o suspiro do justo, que vai suspirar aos pés da cruz. Era uma dessas horas, solennes da tarde em que o Ceu, a terra o oceano, o universo brada ao homem, ao rei da criação — Deus.

No templo do mosteiro dos filhos do heroe do Sublaco resoão preces ao Senhor do

raio e do trovão: aquelle vasto recinto illuminado somente pela baga, pouca e frêixa luz de duas lampadas suspensas da abóboda, aquelle silencio tão dos tumulos apenas interrompido pela voz grave e sôurna dos monges casada com o som magestoso e solemne do órgão tudo isto tem um não sei que de extraordinario, de mysterioso, de sublime etetico, que nos falla da eternidade!

Religião do crucificado do golgotha, como o teu culto é grande, magestoso e sublime! Religião sacro-sancta, eu homem, que provei os gosos ephemeros e mentidos que o mundo offeria, eu joven, que me rebolquei invilecido na sentina das paixões fillas da terra, que me arrastei ignobil pelo pó sem poder levantar a fronte e fitar a luz, eu te saúdo — Ave Religião de Jesus Christo.

A loada mystica dos monges calára-se um nono trajando longa tunica negra subiu ao pulpito e contou ás turbas os tormentos do Salvador: as palavras, que, aquelle homem soltava dos labios parecia lhe foram segredadas pelos anjos, que assistiram ao supplicio do Homem Deus! aquellas palavras tinham fogo, colavam em todos os corações e arrancavam lagrimas ao mais endurecido.

Talvez tu meu bom leitor, ou minha formosa leitora (se é que leitoras tenho) talvez tu queiras que eu te dê o retrato desse homem: valla-me Deus, eu desejo satisfazer ao teu empenho; mas como? se eu te não posso pintar bem a palidez daquellas faces, aquelle nariz aquilino denotador de paixões violentas, aquelles olhos, que ainda mostram que tiveram outrora brilho e fogo, agora amortecidos: aquella fronte enrugada, não com as rugas cavadas pela mão do tempo, não com as rugas cavadas pela velhice do corpo, mas sim pela velhice do espirito. Coitado de mim que farei se nada, nada disto eu te posso desenhar perfeitamente? mas... espera, porisso não fiques de mal comigo, nem deixes de continuar esta interessante leitura; lembrou-me um meio muito facil de te fazer retratar esse homem. Olha, ve se podes phantasiar o gemo do martyrio, da resignação e da tristeza e ali tens o retrato que tanto apetecias. Mas o peor é que em quanto eu estive a convencer-te da minha indabilidade para retratista, em quanto eu estive a pensar um meio de te dar o retrato, que desejavas, o sermão acabou-se; paciencia vamos na pista do padre, que ja desceu do pulpito, atravessou a igreja e se dirige para o claustro, ei-lo que pára: parou porque um cavalheiro lhe sahiu ao encontro e pondo-lhe a mão no hombro esquerdo lhe dirigiu estas palavras—

Ramiro, tu frade! O frade collocando o index sobre os labios murmurou: — Silencio! se te apraz, segue-me. Cumpre me dizer-vos, leitores e leitoras, que o cavalheiro que tenho a honra de vos apresentar não se podia chamar formoso; mas tambem não era repugnante, a verdade manda Deus que se diga, olhae, em quanto a estatura era regular, tinha o rosto com prido, a boca pequena, os dentes alvos e bem dispostos, afilado o nariz, as faces rubras, os olhos negros e buligosos, a testa rosgada e alva, a tez mimosa, os hombros largos, cintura delicada, as mãos dessas não vos posso dar informações exatas porque estavam escondidas n'uns des lustidos guantes não direi outro tanto dos pés, que supposto estavam escondidos n'uns burzinhos de couro cru, adivinhava se com tudo que eram perfeitamente os pés dum chim. Para acabar o meu esboço só me falta dizer-vos que por debaixo da humida servilheira sabiam-lhe os compridos e formosos aneis do seu cabello de ouro pintado a nasarena.

Numa palavra, se não fosse aquelle sorriso maligno que lhe esvoaçava sempre nos mimosos labios, talvez Rodrigo, assim se chamava o cavalheiro, talvez fosse muito sympathico. O lugar para onde o sacerdote conduziu Rodrigo, era um pequeno cubiculo, do qual as moveis eram um xergão, estendido no sobralho, uma tosca poltrona de carvalho, uma mal acabada mesa do mesmo pau, um crucifixo, e alguns poucos livros. O moço cavalheiro, assim que entrou neste aposento, foi com a maior semceremonia possível sentar-se na poltrona: e depois de alguns instantes de silencio dirigiu estas palavras ao monge:

— Ramiro, tu frade?! tu, o infanção nobre e rico, para quem o presente era todo delicias, e o futuro todo esperanças: tu, o trovador apaixonado, de quem as trovas amorosas eram em todos os saraus cantadas pelos menestres, ao som das violas e doçainas: tu, de quem as trovas amorosas eram repetidas mil vezes ao dia pela boca de todas as bellas; tu, o mancebo galante, o mancebo talentoso, o querido de todas as donzellas, tu frade Ramiro?!!

— Essas tuas palavras Rodrigo, equivalema estas a homem conto-me a historia da tua vida: pois sim contar-ta hei; escuta-me; sim, escuta e tem coragem para me ouvires até ao fim. Não me amaldiçoés, quando vires desenrolado o sudario da minha perversidade...

IV

A NARRAÇÃO

Eu tinha dezoito annos; nessa ida de

coração do homem é bom, é generoso, é todo cheio de sentimentos puros; mas ai delle! se uma só vez foi açoitado pelo sobrevento das paixões impuras, ai delle! que se invilece, corrompe-se, estraga-se, perde-se!.. Assim fui eu o meu coração todo era virtudes, os seus sentimentos eram nobres. Isabel, a filha de Fernando Lopo, sem o querer, sem o sabor talvez, perdeu minha alma!! Eu precisava de amar; mas aquella mulher tão era a predestinada para o meu amor, e este meu affecto tão puro, tão filho do ceo, em breve se converteu numa paixão ignobil, e filha do inferno!..

Isabel amava-me em extremo; a sua alma era innocente, muito innocente e muito candida; e eu impio, sacrifiquei-á minha paixão!! ella era virgem e pura, e eu prostituia e mancheia!! .. Depois a pobre infeliz chorou, chorou muito; e eu ri-me como satanaz se ria de um condemnado que faltasse no ceo.

Dize me Rodrigo, tu sabes o que é uma mulher chorar lagrimas de sangue por um homem, que lança mão desse pranto, mistura-o com terra; e atira depois com a lama ás faces dessa mulher?

Sei, respondeu o cavalheiro, com a voz abafada e talvez maquinalmente. A narração do frade havia feito uma profunda impressão no seu animo. Talvez mo grado seu grossas lagrimas deslisavão-se-lhe pelas faces, donde ausentando-se a cor rosada fora substituida por uma lividez bem significativa. Dentro daquelle peito combatia, brigava, luctava a corrupção com o sentimento religioso!!.. devia ser um duelo horrivel!:

Sibes, continuou o nono atando o fio á sua historia, sabes, então poderás avaliar qual seria a dor intensa que dilacerava o coração daquelle pobre mulher. Eu, para soffocar a voz da consciencia, atirei-me ao redemuinho do mundo: minha alma enlodou-se na perversidade, meu coração endureceu-se, tornou-se cynico e egoista; as orgias succederam-se, beijos lascivos me crestaram os lavios; infelizes que tinham vendido o corpo aos homens, e a alma aos demônios quinhavam o meu leito comigo febricitante, eu procurava praseres no seio da devassidão e do crime. E se a consciencia me reprobendia, eu soltava do peito um rugido sinistro: — era uma blasfemia! E de novo me lançava a esse putrido oceano de deleites que o mundo me offertava! As noites eram passadas em vigilia atroz e se alguma vez o somno se apoderava do meu corpo, então eu sonhava com Isabel: via rojar-se a meus pés de finhada, palida, cadaverica, banhadas as faces em lagrimas! Era o espirito da dor que havia

saida d'entre os tumulos, d'entre as ossadas dos mortos e vinha alli atormentar-me

Isabel morreu: e eu parei um instante na minha carreira; voltei-me para traz, e atirei os olhos para o meu passado, vi ao longe um eden formosissimo, onde eu havia vivido no tempo da minha innocencia: tive muitas saudades delle e quizera lá voltar. Seguia-se depois um deserto safaro, arido, cheio de morros levantados pelo simum; vi as minhas pegadas impressas nesse solo tiznado: longo tempo havia que eu por elle caminhava! senti dentro de minha alma tristeza e do arredrei os olhos do passado, e voltei os para o futuro. A dous passos de mim estava um abysmo fundo, incomensuravel, medoubo! então a luz da verdade entrou no meu coração; mas essa luz foi instantanea, fugitiva, rapida como o clarão do relampago que apparece e desaparece.... Fiquei em trevas; e sem me importar o abysmo nonde forçosamente me precipitaria, continuei o meu caminho

Parecia que todo o inferno me disia voz em grita: caminha; caminha!

Delfim Maria

Coitinha

ERRATAS NOTAVEIS.

No n.º 10 :

Na linha 33 a 45, pag. 1, a phrase grega indigitada deve ser : = *Napoleon apoleon poleon oleon leon eon on* =

No n.º 20 :

Na linha 20, pag. 6, a data que falta, é = 1810 =

E no que ahi se diz de *Giessen*, [*columna primzira*], houve saltos e trocas de linhas na composição e em typo. — Deve ler-se:

Em 1807. — *Giessen*, (*Hesse-granducal*), ha 39 professores e 400 a 500 estudantes, com uma dotação annual de 48 000 florins.

Em 1665 — *Kiel*, (*Holestein*), tem 26 professores, (em lugar de 23, como se diz na linha 24), „segundo-se ao depois o texto como alli se acha”.

